

A Plendor, meu Rei e querido amigo, cuja sabedoria inspirou minhas palavras. Lembro com afeto nossas longas conversas na juventude, quando vossa majestade me confiava o desejo de conhecer cada recanto de Uriath. Não é o mesmo que pisar para vê-lo in loco, mas, veja, em minhas anotações preservei um fragmento desse sonho, para que possais vivê-lo assim como o registrei.

Todos os dias, os ventos frescos da primavera batiam delicadamente à porta da velha cabana, como se fossem mensageiros impacientes do amanhecer. Os primeiros raios de luz, timidamente esgueirando-se pelas frestas das janelas, anunciavam ao homem velho que o novo dia não esperaria por sua preguiça. Ele, por sua vez, resmungava gemidos dignos de um trovão abafado, lutando com a gravidade e o peso dos anos para se erguer da cama.

Naquela manhã — como em tantas outras — vestiu suas botas gastas, aquelas que já conheciam o chão de mais jornadas do que o próprio tempo se lembrava. O cheiro da madeira e do fogo ainda preenchia o ar quando ele, com passos lentos, mas firmes, se dirigiu à cozinha. Lá, o velho ritual se repetia: uma xícara de chá, feita com a calma e o cuidado de quem sabe que o sabor da vida está nos detalhes simples.

Enquanto a chaleira sibilava, ele murmurava para si mesmo, uma espécie de conversa entre um sábio e seu próprio humor: “Ah, jovem primavera, não se engane, nem todo dia se levanta com a pressa dos rapazes...” E assim, entre goles e pensamentos respirava profundamente, grato por mais um dia de vida.

Após seu merecido desjejum, o homem velho vestia-se com a paciência de quem já conhecia cada dobra e cada botão da roupa de pastoreio — vestimenta simples, porém resistente, companheira fiel das muitas estações que passou sob o céu aberto. Dia após dia, ano após ano, repetia o ritual quase sagrado de cuidar de suas ovelhas. Não havia pressa em seus passos, nem inquietação no olhar; havia, sim, a calma de quem carrega na alma o peso e o conforto das boas memórias — aquelas que o tempo não ousa apagar.

Ele era um solitário, sim, mas não um homem vazio. Suas lembranças formavam um jardim secreto onde floresciam sorrisos e risadas de um passado distante, ecoando como canções baixas na vastidão do presente. Quando o sol começava a despedir-se no horizonte, com a tonalidade alaranjada que só o entardecer conhece, o velho seguia seu costume inflexível: subir o cume da colina para se banhar no Sky Mirror, o lago sagrado que os moradores locais veneravam com respeito e reverência.

Chegando à beira da água, o homem sentava-se com um suspiro, o corpo reclamando — olhos cansados, costas marcadas por dores discretas, e a respiração pesada, não pelo cansaço do trabalho, mas pelo esforço da subida que o tempo não perdoava. Ali, naquela quietude, encarava a superfície calma do lago, que se agitava apenas sob o toque suave da brisa, criando pequenas ondulações como se o espelho d'água estivesse vivo, respirando junto com ele.

Ele observava os peixes que nadavam em cardumes, suas silhuetas escuras movendo-se com uma graça silenciosa e ancestral. Aqueles pequenos seres pareciam guardar segredos de mundos distantes, e era fácil para o velho viajar até aqueles tempos em que seus filhos corriam livres, cheios de vida e futuro, enchendo a casa com alegria e barulho. Eram dias em que a solidão era uma palavra desconhecida, e ele, um homem completo, cercado de amor e esperança.

Dia após dia, o homem velho mantinha um ritual quase silencioso — conversava com o lago, como se nele encontrasse um velho confidente, um amigo paciente e eterno. Sentado à sua beira, olhava para as estrelas que começavam a surgir no céu escuro, buscando nelas algum rosto familiar ou, quem sabe, uma resposta perdida no tempo. Não precisava de muitas palavras; quando as pronunciava, eram poucas e simples, carregadas daquela saudade profunda que só os que amaram muito e perderam conseguem sentir.

Naquela colina, envolto pelo suave murmúrio das flores que dançavam ao vento, ele vivia os últimos minutos do seu dia com uma reverência silenciosa. Assistia ao sol se pôr, espalhando pelo horizonte tons de ouro, púrpura e carmim — um espetáculo que, para ele, era uma promessa de que, mesmo no fim, sempre há beleza para ser encontrada.

Ali, entre o céu e a terra, o velho pastor parecia conversar com o mundo, com o tempo, com sua própria alma.

Foi numa noite de céu limpo — uma daquelas noites raras em que o firmamento se mostra em seu esplendor, embora, naquela ocasião, as estrelas parecessem tímidas, escondendo-se do olhar atento do velho pastor, como se guardassem um segredo só para si. Algo, naquele silêncio, mudou.

Ao se aproximar do lago, seus olhos experientes notaram algo estranho: pegadas frescas, pequenas e leves, marcando o solo úmido entre as pedras suavemente arredondadas pela última chuva. No centro daquela trilha, quase como se o lago tivesse devolvido um mistério, repousava um corpo. Uma jovem, adormecida ou talvez desmaiada — não lhe cabia julgar. Seus pés estavam descalços, tocando a terra como quem se camufla entre as sombras, e seu rosto, oculto por cabelos negros como a noite mais densa, não revelava segredo algum. A respiração dela era lenta, quase um sussurro; a pele, fria, denunciava uma longa jornada.

Sem hesitar e sem perguntas, o homem velho sentiu a compaixão brotar em seu peito, aquela que só o tempo e as perdas ensinam a reconhecer. Trouxe-lhe uma garrafa com água fresca, aqueceu folhas medicinais com o cuidado de um aprendiz desajeitado — mas determinado — para aliviar o tornozelo inchado daquela jovem visitante inesperada, e ofereceu sua ajuda com a simplicidade e a gentileza de quem entende que, às vezes, não é necessário entender.

Ela aceitou o auxílio com um olhar que parecia tê-lo esperado, como se aquele encontro estivesse escrito nas estrelas tímidas que agora começavam a espiar por entre as nuvens. Então, o homem acendeu uma fogueira, cujo brilho quente dançava entre as sombras, e naquela luz trêmula, a história começava a se desenrolar — uma história onde o silêncio das águas e o sussurro do vento testemunhariam o improvável encontro entre duas almas solitárias.

— Veja, está muito boa. A lenha de cima estala quando está bem seca. Lembro-me de ensinar isso ao meu filho mais velho... Ele jurava que as árvores choravam quando queimavam... Talvez chorem mesmo, nunca

tive certeza — disse o homem, com um sorriso meio triste, meio brincalhão, enquanto uma pequena faísca saltava da fogueira.

A jovem encolheu-se no fino manto, os olhos fixos no fogo que lançava sombras trêmulas no rosto dela.

— Seu filho... ele ainda vive? — perguntou, a voz suave, quase um sussurro.

O velho tirou seu agasalho de lã, envolvendo a jovem com o tecido áspero, mas quente.

— Vive... em minhas histórias, no som do vento que passa entre as pedras, no balido distante dos carneiros — disse ele, piscando, como se tentasse convencer a si mesmo. — Se é que os carneiros lembram de alguma coisa, é claro. — Riu baixinho, aquela risada que sabe a melancolia.

Depois, o sorriso se desfez, a voz tornou-se lenta, carregada de memória.

— Morreu jovem, de uma febre que nenhum curandeiro soube explicar... — suspirou, os olhos perdidos no azul profundo do céu noturno. — Teve um bom coração. Desses que a gente acredita que o mundo não merece.

— Sinto muito — disse a jovem, com sinceridade.

A fogueira estalava, as chamas subiam em danças douradas rumo ao céu.

— Você fala com o lago... como se ele pudesse responder — ironizou a garota, um brilho de curiosidade no olhar.

— E ele responde — afirmou o velho, ajeitando um graveto para manter o fogo vivo. — Só que de um jeito diferente. Ele não fala com palavras, devolve memórias. Às vezes, vejo o rosto da minha mulher refletido nas águas calmas. Outras, só encontro a solidão sorrindo de volta.

— Você parece solitário — comentou ela.

— Sou — confirmou ele, com um leve aceno. — Mas não triste. Há um silêncio que consola, sabe? Aprendi a conviver com menos barulho desde que a casa ficou vazia.

Ele olhou para o fogo, o olhar distante, e continuou:

— Tive três filhos. A mais nova... ah, essa adorava correr pelos campos. Ria com um som que espantava até os corvos mais atrevidos.

— E ela? — perguntou a jovem, curiosa.

— Partiu cedo também — respondeu o velho, um aperto suave na voz.
— A dor virou parte da rotina, igual ao chá da manhã. Você é jovem, um dia vai entender...

— Por que me ajudou? — perguntou a jovem, a voz quase um sussurro, quebrando o silêncio que parecia mais denso que a própria noite.

O velho fez uma breve pausa, como se escolhesse as palavras com o cuidado de quem escreve um tratado antigo.

— Porque me lembraste dela. Da maneira como não disseste nada, mas tudo em ti clamava por cuidado, um silêncio pesado e ao mesmo tempo delicado. — Ele ajeitou o cobertor em volta dela, meio desajeitado, mas com ternura. — E também... porque não há mais ninguém para cuidar de mim. Ajudar alguém, mesmo que por uma única noite, me devolve um pouco do que fui, do que ainda posso ser.

A jovem tocou seu joelho com um gesto suave, quase um aceno de amizade.

— Você ainda é esse alguém — disse, com um sorriso que acendia mais a fogueira do que as chamas em si.

O velho levantou os olhos para o céu daquela noite vazia, onde nem uma estrela ousava brilhar.

— Esta noite não te parece estranha? Nunca vi o céu assim... como se tivesse fechado os olhos para escutar melhor a nossa conversa.

A moça sorriu com esperança, um brilho sutil nos olhos.

— Talvez o céu esteja traçando novas histórias, como a de sua família — disse ela, com a simplicidade que só a juventude permite.

O homem riu, um riso rouco, cheio de uma cortesia meio irônica.

— Isso seria cortesia demais para um velho como eu.

E prosseguiu, com a voz carregada de sinceridade:

— Mas você tem sido gentil, por me ouvir. Mesmo sem me conhecer...

— O senhor fala bonito — comentou a jovem, admirada.

— É só costume — respondeu ele, piscando com malícia. — Converso muito com esse lago, sabe? Tento escolher bem as palavras, para que ele me entenda.

O silêncio voltou, não um silêncio vazio, mas aquele que se compartilha entre quem, finalmente, se entende.

Os ventos sussurravam canções antigas, os vagalumes dançavam como pequenas estrelas errantes, o lago espelhava a paz da noite, e a fogueira mantinha o calor da companhia.

— Sabe... — começou o velho, com um sorriso quase tímido — se a senhorita quiser, pode voltar aqui mais vezes. Tenho pouca comida, mas aqui eu tenho paz. E, quando a alma está faminta, paz é o melhor alimento.

— Obrigada — respondeu a jovem, com a voz carregada de gratidão — por hoje... isso já é tudo o que eu precisava.

Ela levantou-se devagar, com a leveza de quem não quer perturbar o silêncio sagrado da noite. Suas mãos tocaram os ombros do homem, um gesto simples e delicado, como se quisesse agradecer sem palavras. Sem dizer mais nada, virou-se e caminhou lentamente em direção ao lago, onde a água repousava escura e calma, refletindo o céu estranho e vazio.

Com um movimento suave, mergulhou nas águas frias, desaparecendo sob as ondas como um segredo levado pelo tempo. O homem, estático por um instante, ficou ali parado, o olhar fixo no ponto onde ela sumira. Foi quando reparou no reflexo do céu no lago — e

percebeu que as estrelas não estavam mais lá, mas sim brilhando na superfície da água, cintilando como as lágrimas puras de uma criança que chora sem motivo, mas com toda a verdade do mundo.

Levantou os olhos para o céu novamente, e quase não acreditou no que via. O firmamento, antes escuro e vazio, agora era um manto pontilhado de luzes delicadas, como se o próprio céu tivesse decidido brilhar para marcar uma despedida.

O velho homem então ajoelhou-se à beira da água, o corpo trêmulo, e as lágrimas começaram a escorrer silenciosas, sem pressa, até que seu coração, cansado pela dor e pelo tempo, encontrou alívio nesse pranto sincero.

Sentado, abraçou os joelhos apertando-os contra o peito, e com a voz embargada, murmurou palavras de gratidão — um agradecimento íntimo, dirigido ao lago, às estrelas, àquela noite estranha e à presença silenciosa da jovem.

Depois de um tempo que pareceu tanto uma eternidade quanto um instante, levantou-se lentamente, como se despedisse não só daquele lugar, mas de uma parte de si mesmo. Com passos lentos, afastou-se, deixando para trás o lago sereno, suas memórias entrelaçadas à brisa, o peso das emoções que o acompanharam, e a fumaça tênue de uma fogueira já apagada, que ainda parecia guardar o calor daquelas horas. Aquela foi, para sempre, sua última visita ao lago.

E, como se para selar aquele momento com magia, naquela mesma noite uma nova estrela brilhou no céu — uma estrela que, dizem os moradores da região, é o espírito do velho homem, enfim em paz, guardando as histórias e a solidão que ele carregava. Nunca mais foi visto.

- Ben Ahfkael